



AGROINDÚSTRIAS RURAIS FAMILIARES EM CACHOEIRA DO SUL – RS: POSSIBILIDADES E DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL

**Ana Cristina Corrêa Carvalhal Ferreira
Chaiane Leal Agne
Anderson Alex Jobim Menezes
Gabriele Rodrigues Kasper**

Resumo

Agroindústrias Rurais Familiares é uma denominação mais utilizada nas literaturas, visando caracterizar unidades que industrializam produtos. Considerando as discussões acadêmico-políticas na temática do Desenvolvimento Rural, estas agroindústrias são destacadas pela possibilidade de agregação de valor à produção primária, geração de renda e retenção das famílias no meio rural. Porém, estas possuem limitações e dificuldades tanto quanto as questões de formalização quanto a comercialização, que estão fortemente ligadas, o que não é diferente nas agroindústrias do município de Cachoeira do Sul-RS. Este município conta com algumas políticas que auxiliam no fomento da comercialização, como o PNAE, PAA e o Selo “Sabor Gaúcho”, porém a comercialização fica ainda muito restrita aos mercados institucionais e duas grandes feiras -Expointer e Feapec- que ocorrem todos os anos no segundo semestre, onde sem a participação destas agroindústrias nestas feiras os canais de comercialização tornam-se escassos. Para realização deste artigo contou-se com a pesquisa desenvolvida no ano de 2016 em cinco agroindústrias, compostas por agricultores familiares que processam alimentos em Cachoeira do Sul-RS, sendo caracterizada como qualitativo-descritivo, visando compreender as limitações e potencialidades das agroindústrias. Constatou-se que quatro delas possuem o Selo “Sabor Gaúcho” e duas em fase final de regulamentação, ademais são dependentes dos mercados institucionais. As agroindústrias rurais familiares constituem importantes estratégias de desenvolvimento rural para os agricultores envolvidos, na medida em que se caracterizam como complementos de renda familiar e se contar com o apoio dos órgãos responsáveis há expectativas quanto ao desenvolvimento de novos canais de comercialização, especialmente regionais.

Palavras-chaves: Agroindústrias. Geração de Renda. Desenvolvimento Rural. Canais de Comercialização.

1 INTRODUÇÃO

No âmbito do Desenvolvimento Rural, o termo “Agroindústrias Rurais Familiares” é a denominação mais comum utilizada na literatura brasileira, representada para caracterizar as unidades que industrializam produtos e que têm origem na agricultura e na pecuária.

Considerando o contexto histórico, desde a década de 1990, a agricultura familiar recebe incentivos governamentais para o desenvolvimento dessas atividades. Durante esse período, uma série de políticas públicas foi criada visando o investimento técnico e produtivo de agricultores, especialmente no que diz respeito ao processo de



registro e certificação dos alimentos produzidos, que podem ter origem animal ou vegetal. Porém, a origem das agroindústrias não está restrita a esse contexto, já que as mesmas são constituídas também pela cultura e história de agricultores que utilizavam técnicas herdadas de antepassados para a conservação dos alimentos e, posteriormente, comercialização do excedente. Quando desenvolvidas pela agricultura familiar, as atividades de processamento de alimentos são diversas. Essa variação está relacionada com as características sociais, econômicas, culturais e históricas das famílias e as regiões as quais estão inseridas.

Considerando as discussões acadêmico-políticas na temática do Desenvolvimento Rural, as agroindústrias rurais familiares são destacadas pela possibilidade de agregação de valor à produção primária, geração de renda e retenção das famílias no meio rural. Ademais, tais iniciativas também são destacadas pela possibilidade de contribuição para o fomento da economia local, principalmente pelo escoamento da produção, cujos mercados são caracterizados pela proximidade do agricultor com o consumidor.

Apesar da relação com o desenvolvimento rural, as agroindústrias rurais familiares apresentam dificuldades e limitações, especialmente sobre o aspecto da comercialização. Nesta questão, as principais lacunas são os regramentos para a obtenção do registro sanitário, que requerem mudanças no processo produtivo. Essa é uma realidade das agroindústrias do município de Cachoeira do Sul, cidade localizada na região central do estado do Rio Grande do Sul – RS. Nos últimos anos, especialmente a partir do ano de 2012, algumas agroindústrias do município receberam informações e capacitações para a obtenção do selo sabor gaúcho, oportunizando a conquista de novos canais de comercialização locais e regionais. Neste mesmo período, é crescente os incentivos governamentais locais para a comercialização de produtos por meio dos mercados institucionais, especialmente Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Tal contexto pode ter influenciado nas mudanças produtivas e econômicas das agroindústrias, especialmente na realidade da agricultura familiar, que carece de estratégias de produção e de comercialização.

O município de Cachoeira do Sul possui a economia voltada à agricultura e pecuária, cuja produção da agricultura familiar abastece os mercados consumidores locais e regionais. As famílias que se dedicam às atividades de processamento de



alimentos estão utilizando matéria-prima própria, especialmente oriunda dos seus pomares e hortaliças domésticos. Grande parte delas não possui registro sanitário para comercializar em mercados formais, restringindo à venda de seus produtos em mercados de proximidade, caracterizados pela relação direta com os consumidores.

Partindo desse contexto, o presente artigo tem como objetivo apresentar os principais desafios e possibilidades para o desenvolvimento rural considerando o contexto das agroindústrias rurais familiares do município de Cachoeira do Sul, município localizado na região central do Rio Grande do Sul – RS.

Para tanto, está organizado em seis partes, incluindo esta introdução e as considerações finais. A próxima seção tem como objetivo apresentar as definições de agroindústrias rurais familiares, com o foco no contexto brasileiro. A seção 3 tem como finalidade apresentar a relação das agroindústrias rurais familiares com as estratégias de desenvolvimento rural. A metodologia do artigo será apresentada na seção 4. Na seção 5, serão descritos os resultados e as discussões do trabalho.

2 AGROINDÚSTRIAS RURAIS FAMILIARES: HISTÓRICO E DEFINIÇÕES NO CONTEXTO BRASILEIRO

Primeiramente, faz-se pertinente apresentar uma breve contextualização do uso do termo “agricultura familiar” antes de relacioná-la com as atividades de processamento de alimentos. A legitimação e o reconhecimento político da agricultura familiar no Brasil estão relacionados com o processo de construção do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – Pronaf, na década de 90 (SCHNEIDER *et al.*, 2004). Foi, também, na década de 90 que esta expressão consolidou-se no meio acadêmico, despertando o interesse de estudos relacionados a esta temática (SCHNEIDER e NIEDERLE, 2008).

O reconhecimento da diversidade social e econômica da agricultura familiar brasileira por parte do Estado permitiu relacionar esta categoria a outros produtores, e não somente a agricultores, mas também “extrativistas, pescadores, silvicultores, ribeirinhos e remanescentes de quilombos (modo específico de apropriação e legitimação de posse e uso da terra)”, como destaca Neves (2007, p.218). Apesar disso, é pertinente destacar que inúmeras noções do que se pode definir como “agriculturas familiares” estão em jogo, tanto no aspecto teórico-analítico como no



político-público. No entanto, o objetivo deste artigo não é descrever cada uma delas e tão pouco quantificar e/ou qualificar os diferentes discursos envolvidos neste debate.

Uma das características que definem a agricultura camponesa, para Mendras (1978) é a responsabilidade que a família possui para organizar as suas atividades econômicas e sociais. Entende-se que este aspecto é um elemento chave para a compreensão da agricultura familiar no Brasil, especialmente no que se refere ao seu dinamismo em associar uma série de atividades, que vão desde a produção à comercialização e gestão das atividades produtivas.

As agroindústrias rurais familiares estão relacionadas a essa discussão, uma vez que são atividades complexas e dinâmicas, já que os agricultores e suas famílias executam (parcialmente ou totalmente) as ações que compõem a cadeia produtiva, que vão desde a produção da matéria-prima até à comercialização. Este acúmulo de funções por parte dos agricultores familiares está relacionado ao processo de desenvolvimento de estratégias que vão além das atividades agrícolas, e referem-se à própria caracterização do que pode ser considerado como novo perfil da agricultura familiar da atualidade (WANDERLEY, 2000).

Com base na definição de Mior (2007, p. 10), “agroindústria familiar rural é uma forma de organização onde a família rural produz, processa e/ou transforma parte de sua produção agrícola e/ou pecuária, visando, sobretudo, a produção de valor de troca que se realiza na comercialização”. Para o Ministério do Desenvolvimento Agrário, as agroindústrias rurais também podem beneficiar e/ou transformar produtos de origens agrosilvopastoris, aquícolas e extrativistas, incluindo o artesanato (MDA, 2004). Neste sentido, as agroindústrias não estão restritas à produção de alimentos.

A origem das agroindústrias é marcada, sobretudo, pela necessidade dos agricultores em prolongar a vida útil da produção agrícola perecível, oportunizando o armazenamento dos produtos que serviam, primeiramente, como fonte de alimentação para a família. Posteriormente, estes produtos passaram a ter também um valor de troca e constituir uma fonte de renda familiar (MIOR, 2005). Segundo Wilkinson (2002, p.94) os mercados nos quais as agroindústrias estão inseridas são caracterizados pelas relações de proximidade, que não podem ser confundidos como “um simples reflexo da pobreza ou da baixa conscientização do consumidor, pelo contrário, esses mercados podem ser vistos, fundamentalmente, como o prolongamento de relações familiares, ou, diretamente, como consumidores e canais de comercialização”.



No que se refere aos canais de comercialização, as agroindústrias rurais familiares escoam os seus produtos nas mais diversas formas, as quais podem incluir: associações e/ou cooperativas; intermediários; feiras; em supermercados; pequenos armazéns; e, diretamente com o consumidor (AGNE, 2010; 2014). Já os mercados, entendidos a partir da compreensão sobre construção social, envolvem relações e interações sociais, desde o ambiente produtivo ao comercial. No âmbito das agroindústrias rurais familiares, os mercados incluem elementos de reciprocidade, ajuda mútua, trocas de serviços entre agricultores, relações de parentesco, vizinhança e proximidade com os consumidores (AGNE, 2010). Tais aspectos caracterizam o contexto da região do Corede Jacuí Centro, a divisão territorial a qual o município de Cachoeira do Sul está incluído.

3 AGROINDÚSTRIAS RURAIS FAMILIARES E DESENVOLVIMENTO RURAL

Ao longo do tempo, o debate acadêmico sobre a noção de Desenvolvimento Rural vem sofrendo mudanças. Nos dias atuais, entender os processos de Desenvolvimento Rural é considerar que estes estão envolvidos por diversos atores, níveis e aspectos. Ademais, estes processos estão cada vez mais sendo relacionados com a maneira pela qual os indivíduos organizam-se coletivamente, interpretam a realidade e agem na sociedade. Isso implica em considerar que, Desenvolvimento Rural não é um processo de caráter teleológico e linear, já que há diferenças de objetivos, expectativas e trajetórias de diversos grupos sociais envolvidos.

Discutir sobre Desenvolvimento Rural no Brasil implica em considerá-lo como um processo em evolução. E, um dos principais marcos históricos da transformação refere-se à modernização da agricultura, ocorrida nos meados da década de 1950. Como observa Paim (1957, p.16) “a agricultura passa a constituir um ramo especializado da produção, mercantilizando-se, ao se tornar o mercado capitalista mediante a dissociação dos vários ramos antes aglutinados em cada unidade”. Neste processo, houve uma nítida transformação da economia natural para atividades integradas à indústria, após mudanças técnicas, políticas e científicas nas atividades agropecuárias (GRAZIANO DA SILVA, 1996).

Se por um lado é possível observar um conjunto de transformações ocorridas nos mercados para os produtos da agricultura familiar a partir da modernização da



agricultura, por outro, pode-se afirmar que foram construídas novas necessidades a partir deste mesmo processo. Estas necessidades podem ser refletidas nas mudanças nas preferências dos consumidores em relação à qualidade dos alimentos, refletindo sobre os mercados dos produtos das agroindústrias rurais familiares, como destaca Wilkinson (2004, p.57):

[...] se a agricultura familiar, novamente, torna-se *pequena produção*, frente às transformações nas grandes cadeias, esta mesma *pequenez* é vista cada vez mais como vantagem estratégica, à medida que for associada à tradição, ao artesanal, ao local – um conjunto de valores agora premiado pelo mercado. [...] nota-se uma persistência de mercados locais, de proximidade, que não apenas aproveitam dos limites de capilaridade da grande distribuição e da indústria alimentar, mas se firmam pela reputação, mesmo em condições de economia “informal”.

A experiência das agroindústrias é um exemplo de que a modernização e os padrões formais da produção agroalimentar não geraram homogeneidade de comportamento, corroborando com a discussão de Wanderley (2000, p.88), onde a autora afirma que “a urbanização, a industrialização e a modernização da agricultura não se traduziram por nenhuma “uniformização” da sociedade, que provocasse o fim das particularidades de certos espaços ou certos grupos sociais”.

Desta forma, a transformação ocorrida no meio rural, ao invés de provocar uma homogeneização resulta em diversidade, pois para Wanderley (2000, p.97) estas mudanças estão “longe de ser um processo homogeneizador, já que resulta em uma profunda diferenciação dos espaços rurais, tanto em relação aos espaços urbanos, quanto internamente, constituindo uma rede de relações que se desenham entre situações urbanas e situações rurais, ambas bastante heterogêneas”.

As mudanças nas percepções dos consumidores estão redirecionando, inclusive, à emergência de práticas diferenciadas de produção de alimentos em algumas regiões rurais periféricas da Europa. Estas modificações estão orientando também à construção de novas relações de comercialização, caracterizadas pela mobilização de agentes sociais dispostos a reproduzir uma forma de comportamento associada à saúde, ao cuidado com o meio ambiente e a preocupação com a renda de agricultores familiares (RENTING *et al*; 2004).

As agroindústrias rurais familiares estão relacionadas à discussão sobre desenvolvimento rural, especialmente porque representam estratégias de agregação



de valor à agricultura familiar, pela construção de mercados locais e regionais. Nesse sentido, é relevante considerar que tais iniciativas contaram com estímulos governamentais, especialmente a partir da década de 1990. Durante esse período, o governo brasileiro construiu uma série de programas que aumentou a visibilidade dos produtos das agroindústrias rurais familiares. Sobre isso, destacam-se: algumas modalidades do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), como o Pronaf Agroindústria, Custeio Agroindustrial, Diversificação Econômica, Ciência e Tecnologia; o Programa de Agroindústria Familiar (PAF) – construído em 1999, exclusivo no Rio Grande do Sul, bem como o selo “Sabor Gaúcho”, o Programa de Alimentação Escolar (PNAE), o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), o Sistema Único de Atenção à Sanidade Agropecuária (SUASA) e o sistema construído recentemente (com data de 4 de novembro de 2011): o Sistema Unificado Estadual de Sanidade Agroindustrial Familiar, Artesanal e de Pequeno Porte – SUSAF-RS.

Nos casos do PAA e do PNAE, alguns estudos (como os trabalhos de Grisa *et al.*; 2009 e Guareschi, 2010) destacam alguns efeitos do programa no processo de construção de canais de comercialização para os produtos das agroindústrias rurais familiares e nas transformações de práticas relacionadas ao consumo de alimentos. Por meio do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), alguns agricultores passaram a inserir os produtos da agroindústria nas escolas do município, ou seja, gerou-se um novo canal de comercialização para os agricultores. Ademais, houve mudanças na percepção da qualidade dos alimentos e nos hábitos de consumo dos alunos dos dois municípios pesquisados, como destacam Triches e Schneider (2010, p.942) “essa política acaba por realimentar esse mercado, na medida em que constrói paladares para alimentos produzidos localmente, por terem características exclusivas e/ou apreciadas pelos futuros consumidores”.

A ampliação do acesso ao crédito pelos agricultores que industrializam alimentos relaciona-se com algumas mudanças verificadas na capacidade produtiva e também no processo de construção de canais de comercialização. Neste sentido, destacam-se algumas linhas específicas do Pronaf: o Pronaf Agroindústria, o Pronaf Investimento, o Pronaf Jovem e o Pronaf Mulher. Estas quatro linhas são acessadas por alguns agricultores para investir nas atividades da agroindústria, que vão desde a aquisição de matéria-prima até equipamentos para o processamento da produção (WESZ JUNIOR, 2009).



No RS, houve uma preocupação dos programas públicos com a situação dos canais de comercialização informais os quais se inserem grande parte das agroindústrias. Diante desta realidade, o Estado criou o Selo “Sabor Gaúcho”, que ficou vigente no período de 1999 a 2002. Com a proposta de investir na atividade produtiva e oferecer suporte técnico, o programa tinha como objetivo fornecer subsídios para os agricultores comercializarem a sua produção em canais formais (com este selo certificador). No que se refere aos canais de comercialização, os altos investimentos realizados nas estruturas físicas das agroindústrias não foram suficientes para garantir a inserção dos agricultores nos mercados formais. Este resultado pode ser explicado pelas exigências de prazos para entrega dos produtos e escala, muitas vezes, divergente com o volume de produção das agroindústrias. O não entendimento, por parte dos formuladores deste programa, aos atributos diferenciadores da produção, como o aspecto artesanal, acabaram por excluir alguns canais de comercialização, como a relação direta com o consumidor (GUIMARÃES e SILVEIRA, 2007).

Assim, percebe-se que o selo “Sabor Gaúcho” constituiu como um elemento inovador no processo de registro sanitário e possibilidades de construção de mercados no âmbito das agroindústrias do RS. Porém, tais mudanças podem ter influenciado tanto de forma negativa quanto positiva nos processos de Desenvolvimento Rural.

No que se refere aos programas nacionais para as agroindústrias, destaca-se o SUASA. Este sistema, regulamentado no ano de 2006, tem como objetivo unificar três processos de certificação (municipal, estadual e federal). Assim, através de um único processo de certificação, os produtos com os selos¹ integrantes do “SUASA” podem ser comercializados em todo o território nacional (MDA, 2011). No entanto, este sistema sofreu algumas modificações, no ano de 2010, com a finalidade de considerar a diversidade regional dos produtos e das escalas de produção (VICENZI, 2011). Estas mudanças foram construídas no sentido de tornar o sistema acessível às

¹ De acordo com o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA, 2011), os selos não recebem a denominação SUASA. O Suasa é formado por 4 sub-sistemas de inspeção e fiscalização, a saber: o Sistema Brasileiro de Inspeção de Produtos de Origem Animal – SISBI-POA. (em estágio de implantação); o Sistema Brasileiro de Inspeção de Produtos de Origem Vegetal – SISBI-POV; o Sistema Brasileiro de Inspeção de Insumos Agrícolas e o Sistema Brasileiro de Inspeção de Insumos Pecuários.



agroindústrias de pequeno porte, especialmente aquelas vinculadas à agricultura familiar.

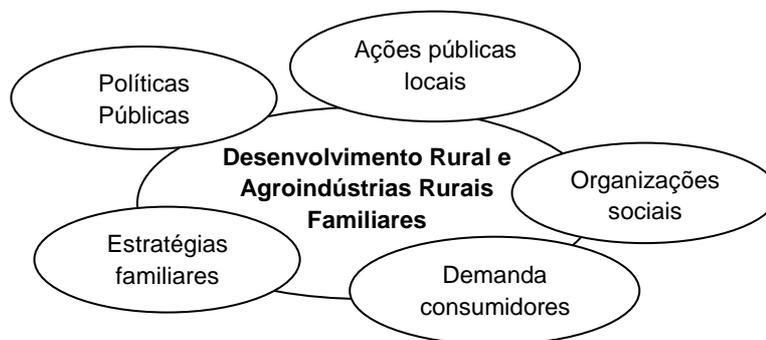
Ao que tudo indica o SUASA não constituiu como um sistema acessível às agroindústrias rurais familiares, embora não se tenha muitos trabalhos publicados sobre os resultados deste programa na realidade da agricultura familiar. Devido à demanda por um sistema adequado com a realidade das agroindústrias no RS, foi sancionado, em 4 de novembro de 2011, o SUSAF (Lei nº 13.825). Integrante do SUASA, a regulamentação permite a comercialização dos produtos das agroindústrias do estado em outras regiões do país, e objetiva-se a maior participação dos empreendimentos gaúchos nos mercados institucionais. A diferença principal entre o SUASA e o SUSAF é que este último é um sistema específico para as agroindústrias familiares, artesanais e de pequeno porte. A constituição recente destes dois sistemas pode ser um dos fatores para a ausência de informações na literatura, especialmente quando se refere à influência destes programas na evolução dos mercados das agroindústrias rurais familiares.

A Figura 1, a seguir, tem como objetivo sintetizar o conjunto de elementos envolvidos na discussão sobre as agroindústrias e as estratégias de desenvolvimento rural. Primeiramente, destaca-se o papel das políticas públicas direcionadas ao público-alvo, que influenciam no aumento das possibilidades de investimento financeiro, que é empregado em melhorias de infra-estrutura e conhecimento técnico. Outro aspecto refere-se às organizações locais, como associações, cooperativas e outros grupos (igreja, jovens, senhoras, etc.). No ambiente de interação que é possibilitada pela frequência dos agricultores nestas organizações, percebe-se que, em muitas ocasiões, abrem-se oportunidades de comercialização. No município de São Sepé, região central do RS, por exemplo, as festas da igreja da comunidade da localidade de Mata Grande são oportunidades para a venda de pães, bolachas e cucas de uma família de agricultores (AGNE, 2010).

Por fim, destaca-se a construção de estratégias de inovação e de venda da própria família, onde seus componentes participam da elaboração de técnicas e mudanças na forma de produzir, comercializar e/ou gerenciar as atividades de desenvolvidas.



Figura 1 – Elementos das estratégias de Desenvolvimento Rural nas Agroindústrias Rurais Familiares



Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

4 METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida no ano de 2016, com cinco agroindústrias, constituídas por agricultores familiares que processam alimentos no município de Cachoeira do Sul, município localizado na região central do Rio Grande do Sul – RS. O estudo foi caracterizado como qualitativo-descritivo, já que o objetivo consistiu na compreensão sobre a caracterização das agroindústrias e canais de comercialização, descrevendo as suas limitações e potencialidades. Para a coleta de dados foram utilizadas as seguintes técnicas: entrevistas abertas e em profundidade, observação por meio da participação em reuniões coletivas com as famílias e diário de campo.

As informações sobre as famílias foram obtidas através dos contatos com órgãos públicos e lideranças locais ligadas à agricultura familiar e ao desenvolvimento rural, especialmente por intermédio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) do município supracitado. Por tratar-se de uma pesquisa qualitativa, não foi definido, *a priori*, o número de famílias que seriam entrevistadas. As entrevistas consideraram a disponibilidade das famílias em participarem da pesquisa. Em síntese, o número de informantes foi estabelecido no decorrer do estudo, considerando a representatividade da realidade do município, por meio da profundidade das respostas, qualidade, recorrência e divergência das informações.

As famílias foram selecionadas mediante a adoção de critério de conveniência, que objetivou identificar o público-alvo que participaria da pesquisa, que deveria



apresentar as seguintes características: a) o desenvolvimento de, no mínimo, um tipo de produto/alimento industrializado e b) a vinculação com a definição de agricultura familiar, ou seja, gestão das atividades de produção, processamento e comercialização coordenadas pela família. Optou-se pelo foco de análise das agroindústrias que produzem alimentos, já que a literatura sobre a temática descreve que esse setor é o que mais sofre influência das legislações sanitárias, que é um dos principais entraves nos processos de produção e comercialização, especialmente na realidade da agricultura familiar.

Quanto à análise dos dados, os textos coletados com as famílias foram organizados em sintetizados utilizando a forma descritiva. Tal organização considerou o objetivo central do trabalho, descrevendo, primeiramente, a caracterização das agroindústrias e, posteriormente, as suas dificuldades e limitações, desde a produção até a comercialização.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Quadro 1, a seguir, apresenta as agroindústrias analisadas, as quais podem ser identificadas como: “*Agroindústria Delícias Caseiras*”, “*Agroindústria Familiar Luiz Ernani Macedo*”, “*Agroindústria Leite da Vaquinha*”, “*Agroindústria Sukellos*”, Agroindústria “*A casa das Trabalhadoras Rurais*”. Destas, 4 possuem o Selo Sabor Gaúcho, que é um programa estadual destinado às agroindústrias rurais familiares, permitindo a obtenção do registro sanitário e certificação. Além disso, caracteriza-se por uma política pública que agrega valor aos produtos oriundos da agricultura, pois o selo traz confiabilidade por parte do consumidor que se preocupa com a qualidade e certificação dos produtos.

As demais agroindústrias (“*Leite da Vaquinha*” e a *Casa das Trabalhadoras Rurais*”) estão em fase de formalização da atividade, adequando os seus processos produtivos conforme os regramentos sanitários do município. Conforme os dados do mesmo quadro, é possível perceber que o registro das agroindústrias no programa Sabor Gaúcho teve início em 2012, especialmente influenciado pelos órgãos públicos locais, como sindicatos e agentes de assistência técnica e extensão rural.

**Quadro 1 – Agroindústrias analisadas que possuem o Selo Sabor Gaúcho**

AGROINDÚSTRIA	PRODUTOS	DATA DE INCLUSÃO
Agroindústria Luiz Ernani Macedo	Legumes Minimamente Processados	11-12-2012
Agroindústria Sukellos	Sucos de Frutas e Polpas	29-05-2013
Agroindústria Delícias Caseiras	Biscoitos e massas caseiras	29-07-2014
Agroindústria Leite da Vaquinha	Leite	Em fase de formalização
Casa das Trabalhadoras Rurais	Biscoitos e massas caseiras	Em fase de formalização

Fonte: SDR (2017). Adaptado pelos autores.

A formalização e obtenção do registro sanitário é a principal dificuldade para as famílias. Elas descreveram tal processo como burocrático, custoso e demorado, exigindo a busca de informações com diferentes pessoas e órgãos públicos. A agroindústria “Casa das Trabalhadoras Rurais” é um exemplo, cujo processo ainda está em fase de aprovação. As mulheres que compõem o empreendimento destacaram que a ausência do registro sanitário dificulta o acesso da produção aos mercados institucionais, especialmente o Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE.

Nesse contexto, a formalização poderia beneficiar os agricultores, já que abre a possibilidade deles participarem de importantes feiras de comercialização, tais como a Expoagro e Expointer. As famílias destacaram que, sem a formalização, a participação deles é restrita a alguns eventos que ainda permitem a participação sem o registro sanitário. Apesar do aspecto positivo em relação à inclusão de agroindústrias formais e informais, é importante ressaltar a emergência de conflitos entre as famílias, especialmente no que se refere ao preço de comercialização. Nos eventos que são abertos a todos ocorre a disparidade em relação ao preço, uma vez que os produtos das agroindústrias formalizadas possuem de certo modo um valor superior ao das agroindústrias não formalizadas, o que gera uma desigualdade na disputa mercadológica. As participações dos agricultores nestes eventos ficam restritas aos dias da feira, quando não ocorre ou não participam as agroindústrias utilizam outros canais de comercialização disponíveis.

Com relação à caracterização, a agroindústria “*Delícias Caseiras*” é composta por duas pessoas que, além de atuar na gestão, produzem e comercializam biscoitos,



pães eucas ao município (FIGURA 2). A primeira foto, à esquerda apresenta a fachada da propriedade rural, com destaque para a placa de identificação. Já a segunda foto apresenta asucas, desenvolvidas pela família de forma artesanal.

Figura 2 – Agroindústria Delícias Caseiras e produto de comercialização.



Fonte: Autores (2017).

A principal dificuldade da agroindústria é o mercado, visto que a expressividade de vendas ocorre apenas quando fornecem seus produtos na Expointer e participam do PNAE (dependente de chamada pública). Tanto as feiras quanto as vendas do PNAE ocorre no segundo semestre do ano. No primeiro semestre do ano a família possui dificuldades de comercialização, pois escoam os produtos em poucos canais de comercialização, que restringem a pequenos estabelecimentos, tais como mercearias e armazéns.

Outra dificuldade relatada pela família diz respeito à aquisição de matéria-prima e insumos necessários ao desenvolvimento da produção. Estes são adquiridos em estabelecimentos comerciais (canais varejistas). Assim, a família não tem poder de barganha para a negociação de valores, já que adquirem alguns de seus insumos em mercados locais com o alto preço imposto nestes canais. Apesar do custo elevado, a família não altera os preços de comercialização dos seus produtos.

Além disso, outra limitação destacada diz respeito à ausência de código de barras, dificultando a inserção dos seus produtos nas principais redes de supermercados do município. Para inserir o código necessita entendimento por parte do agricultor para saber quem faz, ou até mesmo o próprio agricultor de forma *online*, confiabilidade, custo, entre outros aspectos.



A agroindústria do “Luiz Ernani Macedo” possui uma boa estrutura física e de equipamentos, comercializa produtos congelados, chimia e polpa de frutas. Muito embora a formalização pareça ser um processo simples, na verdade não ocorre desta forma, sendo assim, as agroindústrias que entram com processo de regulamentação sem nenhum intermediador (sindicatos ou cooperativas) acabam por desistir deste processo. Este produtor teve auxílio dos órgãos públicos locais para adequar-se e conseguir a formalização sem dificuldades.

Em relação aos mercados, a agroindústria participa de diversos eventos, visto que possui veículo de transporte próprio, porém a grande expressividade nas vendas também ocorre nestas feiras institucionais e governamentais, porém também esbarra na necessidade de conseguir novos canais de comercialização, e através da diferenciação inserir seus produtos em novos mercados. A participação da agroindústria nas feiras Institucionais é importante pela expressividade nas vendas, o que não ocorre nos pequenos eventos, a apresentação da banca também se torna importante para atratividade, na figura abaixo mostra a banca de apresentação na FEAPEC, uma feira que ocorre uma vez por ano em Cachoeira do Sul, no segundo semestre e dura em torno de 12 dias. Pode ser visualizada a banca da agroindústria na Figura 3, a seguir.

Figura 3 – Participação da agroindústria em feiras e seus produtos.



Fonte: Autores (2017).

A agroindústria “Leite da Vaquinha” produz e envasa leite para o município de Cachoeira do Sul, seguindo todas as normas de fiscalização para seu funcionamento. Na figura 4 consta a agroindústria e o selo sabor gaúcho. O principal desafio da agroindústria é em relação ao preço, já que o produtor agrega o preço de acordo com



o mercado, sendo controlado pelo fator externo e não com os custos de produção. Outro desafio é em relação aos mercados, possuindo um canal direto de comercialização com oito estabelecimentos, sendo quatro mercados de pequeno porte. Possuindo um limite de produtividade pequeno o produtor opta por atender apenas os consumidores habituais, o que o torna muito dependente destes canais de comercialização e com baixo poder de negociação.

A falta de gestão financeira é um dos fatores que impede o agricultor de conquistar novos canais de comercialização, pois como coloca o preço de acordo com os preços de mercado, o ajuste por conta própria acaba sendo um entrave, por medo de perder os clientes que possui, porém alternativas poderiam ser aproveitadas tanto para comercialização como para relação de proximidade, o fornecer a matéria prima para agroindústrias que produzem doce, bolachas, pão.

Figura 4 - Agroindústria Leite da Vaquinha e selo sabor gaúcho.



Fonte: Autores (2017).

A “Agroindústria Sukellos” é composta por sete sócios e possui sua sede no meio rural, no Distrito de Ferreira. A família possui uma estrutura física própria para a agroindústria (separada da residência). Na propriedade há pomares de uva e a casa de um dos sócios. A Sukellos possui produção de sucos naturais de uva e laranja, bem como a venda da polpa de maracujá. A polpa é distribuída apenas a algumas sorveterias do município. A agroindústria possui o selo sabor gaúcho, participa de programas como PNAE, a qual é destinada boa parte da sua produção de sucos, sendo o restante vendido diretamente ao consumidor, supermercados, restaurantes, sorveterias do município e em feiras estaduais.



Quanto aos desafios da agroindústria, destacam-se a falta de estrutura organizacional e administrativa, as quais apresentam limitações. Primeiramente, na parte organizacional, há carência sobre a disposição de equipamentos e suprimentos em suas instalações, tendo em vista facilitar o fluxo de produção e de trabalho na agroindústria. Na parte administrativa destaca-se a falta de gestão da matéria-prima, pois há uma alta procura pelos produtos, principalmente por sua alta qualidade (relatado pelos consumidores), porém não há produção para atender a demanda dos mercados.

A agroindústria “A Casa das Trabalhadoras Rurais” é formada por um grupo de sete mulheres agricultoras familiares. A agroindústria está em processo de regularização, pois ainda falta a legalização ambiental e a liberação (emitido pelos bombeiros do município). Segundo as mulheres, a ausência do registro sanitário é o principal entrave para comercializar nos mercados institucionais, participação ao PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar), assim como em grandes eventos que ocorrem no estado.

Figura 5 - Agroindústria “Casa das Trabalhadoras Rurais” (estrutura à esquerda) e produtos comercializados (à direita).



Fonte: Autores (2017).

No ponto comercial localizado no centro do município, as mulheres comercializam pães, biscoitos e cucas, de forma direta aos consumidores no município e da região de Cachoeira do Sul. O grupo também comercializa em feiras, tais como: a



feira da associação AFUBRA e a feira da cooperativa SICREDI (ambas mensalmente); feira agropecuária (Feapec) e feira gastronômica (Fenafest) (ambas anualmente). Trabalham por encomenda, mas não possuem sistema *delivery*. Uma das limitações é a divulgação dos seus produtos, já que o grupo ainda não faz uso dos meios de comunicação na internet, tais como as redes sociais (*Facebook*). O grupo mencionou que os recursos financeiros limitados é um empecilho para desenvolver propagandas e ampliar a divulgação.

Apesar dos problemas enfrentados pela agroindústria nos canais de comercialização e divulgação dos produtos, a atividade de processamento de alimentos foi destacada pela importância social na vida das mulheres integrantes. Elas destacaram que a agroindústria é uma forma de obtenção de renda e “ser dona do próprio negócio”. Também mencionaram o acúmulo de funções, que vai além da responsabilidade de cuidar da casa, dos filhos e do marido.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As agroindústrias rurais familiares constituem importantes estratégias de desenvolvimento rural para os agricultores envolvidos, na medida em que se caracterizam como complementos de renda familiar. No que se refere à realidade do município de Cachoeira do Sul, é pertinente destacar que as agroindústrias analisadas neste trabalho (em fase de registro sanitário e as que possuem o selo sabor gaúcho) representam um pequeno grupo de famílias que está disposto a investir na atividade, já que percebe a atividade de processamento como um negócio. Tais famílias estão constantemente em busca de informações, conhecimentos e capacitações em torno da atividade, fatores que permitem o desenvolvimento das mesmas.

A maioria das agroindústrias utiliza os eventos e feiras como canais de comercialização e de divulgação dos produtos, oportunizados também pela estreita relação que elas possuem com os órgãos públicos locais, especialmente Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) e Emater. Os mercados institucionais, especialmente o PNAE é um canal utilizado pelas agroindústrias, porém somente àquelas que possuem o registro sanitário. Assim, muitas famílias não são incluídas no programa devido à ausência do registro de sanidade.

A potencialidade das agroindústrias rurais - que vai muito além da transformação de seus produtos - se torna mais evidente quando associado às



iniciativas regionais (MARIN e TRENTIN, 2010), especialmente com incentivos governamentais para a consolidação dessas estratégias enquanto propulsoras de desenvolvimento rural e regional. Para tanto, as agroindústrias podem auxiliar no resgate da cultura local e regional mediante a comercialização de produtos artesanais e tradicionais. Além disso, a relação que as agroindústrias estabelecem com os mercados consumidores permitem a discussão sobre a confiança e as preferências de consumo, que vão além das regras preconizadas pela legislação sanitária. Como uma entrevistada integrante da “*Agroindústria Casa das Mulheres Rurais*” mencionou, “o consumidor não quer saber onde é feita a sua produção, ele quer saber se o produto é feito como se fosse para nossa família”. Assim, há a necessidade de avançar em projetos de desenvolvimento que possam contemplar a heterogeneidade da agricultura familiar nas atividades de processamento de alimentos, que possam incluir, especialmente, as características dos mercados locais e regionais.

Nesse sentido, apesar das limitações apresentadas tanto no contexto interno quanto no externo, percebe-se que as agroindústrias são alternativas viáveis tanto para os agricultores que optaram por este processo, quanto para a sociedade, que pode beneficiar-se de produtos oriundos do rural de um modo mais acessível, contribuindo na economia e promovendo o desenvolvimento rural, o que contribui para consolidação de mercados, o que está relacionado com a interação e confiança.

Porém, os elementos envolvidos sobre as agroindústrias e as estratégias de desenvolvimento rural as políticas públicas recebem destaque, visto que com o direcionamento correto e fomento contribuem para uma melhor infraestrutura e capacitação, além de inserir as agroindústrias em mercados institucionais.

Outro aspecto importante são todas as outras formas de organizações que interagem diretamente com as agroindústrias de modo que possam auxiliar na comercialização dos produtos processados ou transformados. Onde a construção de estratégias tanto de comercialização quanto de inovação de produtos podem também ser construídas nestes locais de relacionamento, ações importantes na construção de mercados.

Na pesquisa, podemos perceber que algumas agroindústrias analisadas conseguem mesmo com todas as limitações inserir-se nos mais diversos canais de comercialização, enquanto outros são mais inertes quanto buscas alternativas de comercialização, gerando uma desigualdade nas interações das agroindústrias com o



social, tanto sociedade quanto instituições governamentais ou não, o que de certa forma, torna a comercialização mais retraída.

Por fim, as agroindústrias apresentadas neste artigo constituem como estratégias de desenvolvimento rural que são emergentes em um contexto particular e específico. Apesar das dificuldades destacadas (falta de matéria-prima, controle de gestão de custos e registro sanitário), os últimos programas governamentais (especialmente o Sabor Gaúcho) e as iniciativas de órgãos públicos locais tiveram influência na transformação dos processos produtivos nas agroindústrias. Assim, há expectativas quanto ao desenvolvimento de novos canais de comercialização, especialmente regionais.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. Mercados do empreendedorismo de pequeno porte no Brasil. In: _____. **Pobreza e mercados no Brasil**. Brasília: CEPAL, 2003. p. 235-294.

AGNE, C.L. **Agroindústrias rurais familiares e a rede de relações sociais nos mercados de proximidade na região Corede Jacuí Centro/RS**. (Dissertação) Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2010.

AGNE, C. L. **Mudanças institucionais na agricultura familiar: as políticas locais e as políticas públicas nas trajetórias das famílias nas atividades de processamento de alimentos no Rio Grande do Sul – RS**. (tese). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2014.

GRAZIANO DA SILVA, J. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. Campinas, SP: UNICAMP. IE, 1996.

GRISA, C. **O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) em perspectiva: Apontamentos e questões para o debate**. Relatório OPPA. Rio de Janeiro, 2009, p.26.

GUARESCHI, A. **A operacionalização da política de segurança alimentar: o caso do Programa de Aquisição de Alimentos em Tenente Portela, RS**. (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural – PGDR/UFRGS, 2010. 102 f.

GUIMARAES, G. M.; SILVEIRA, P. R. C. da. Por trás da falsa homogeneidade do termo Agroindústria Familiar Rural: indefinição conceitual e incoerências das políticas públicas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SISTEMAS DE PRODUÇÃO, 7., 2007, Fortaleza. **Anais do VII Congresso Brasileiro de Sistemas de Produção**, Fortaleza: 2007.



MARIN, M. Z.; TRENTIN, C. E. G. **Desenvolvimento Rural: Análise das agroindústrias familiares de Campinas do Sul – RS**. Uricer. Perspectiva, Erechim. V.34, n.127, p.35-51. Setembro de 2010.

MENDRAS, H. **Sociedades Camponesas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO – MDA. **Secretaria da Agricultura Familiar: Programas – Sistema Único de Atenção à Sanidade Agropecuária (SUASA)**. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/portal/saf/programas/suasa>> Acesso em 24 novembro 2016.

MIOR, L. C. Agricultura familiar, agroindústria e desenvolvimento territorial. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL, 2007, Florianópolis. **Anais do Colóquio Internacional de Desenvolvimento Sustentável**. Florianópolis: UFSC, 2007. Disponível em: <http://www.cidts.ufsc.br/articles/Artrigo_Coloquio_%20-_Mior.pdf> Acesso em: 12 ago.2015.

_____. **Agricultores Familiares, Agroindústrias e Redes de Desenvolvimento Rural**. Chapecó: Argos, 2005. 338 p.

NEVES, D.P. Agricultura familiar: quantos ancoradouros! IN: **Geografia Agrária: teoria e poder**. São Paulo: 2007. Disponível em: <http://www4.fct.unesp.br/nera/usorestrito/Agricultura_Familiar.pdf> Acesso em 3 ago. 2016.

PAIM, G. **Industrialização e Economia Natural**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1957.

RENTING, H., MARSDEN, T.; BANKS, J. Understanding Alternative Food Networks: Exploring the Role of Short Food Supply Chains in Rural Development. **Environment and Planning A**, Londres, v. 35, p. 393-411, 2003.

SCHNEIDER, S.; MATTEI, L.; CAZELLA, A.A. Histórico, caracterização e dinâmica recente do Pronaf – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar. IN: SCHNEIDER, Sergio; SILVA, Marcelo Kunrath; MARQUES, Paulo Eduardo Moruzzi (Org.). **Políticas Públicas e Participação Social no Brasil Rural**. Porto Alegre, 2004, p. 21-50.

SCHNEIDER, S.; NIEDERLE, P.A. **Agricultura familiar e teoria social: a diversidade das formas familiares de produção na agricultura**. IX Simpósio Nacional sobre Cerrado e o Simpósio Internacional Sobre Savanas Tropicais, 2008.



SDR. **Secretaria de Desenvolvimento Rural e Cooperativismo**. Agroindústrias Recebem o Selo Sabor Gaúcho. Disponível em: <http://www.sdr.rs.gov.br/conteudo.php?cod_menu=2&cod_conteudo=5555> Acesso em: 10 de maio de 2017.

TRICHES, R.; SCHNEIDER, S. **Alimentação Escolar e Agricultura Familiar: reconectando o consumo à produção**. Saúde Soc. São Paulo, v.19, n.4, p.933-945, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v19n4/19.pdf>> Acesso em 4 out. 2015.

VICENZI, M. S. Agroindustrialização na agricultura familiar: a fiscalização das leis de qualidade e seguranças de bebidas. **Sociedade E Desenvolvimento Rural on line** – v.5, n. 1 – Set – 2011. Disponível em: <<http://www.inagrodf.com.br/revista/index.php/SDR/article/view/107/101>> Acesso em 10 maio. 2017.

WANDERLEY, M. N. B. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas: o “rural” como espaço singular e ator coletivo. **Estudos Sociedade e Agricultura**, nº 15, p. 87-145, 2000.

WESZ JUNIOR, V.J.; Políticas públicas de agroindustrialização na agricultura familiar: uma análise do Pronaf Agroindústria. In: **Anais... 47 Congresso da Sociedade Brasileira de Economia Administração e Sociologia Rural**, 2009, Porto Alegre. 47 Congresso da Sociedade Brasileira de Economia Administração e Sociologia Rural. Porto Alegre - RS : SOBER, 2009.

WILKINSON, J. A pequena produção e sua relação com os sistemas de distribuição. In: FIGUEIREDO, A.; PRESCOTT E.; MELO, M. F. (orgs.) **Integração entre a produção familiar e o mercado varejista - uma proposta**. Brasília: Universa, 2004.

_____. Sociologia Econômica, a Teoria das Convenções e o Fortalecimento dos Mercados. **Revista Ensaios (FEE)**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, 2002. Disponível em: <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/viewFile/2042/2424>> Acesso em: 10 abr. 2017.